



Caderno Virtual de Turismo

E-ISSN: 1677-6976

caderno@ivt-rj.net

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

de Alcântara Bittencourt César, Pedro; Belusso, Andreia; Righez da Silva, Cassius
Praça do centro de Flores da Cunha (RS): palco de realizações sociais, religiosas e
turísticas

Caderno Virtual de Turismo, vol. 17, núm. 1, abril, 2017, pp. 123-137

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115451293010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Praça do centro de Flores da Cunha (RS): palco de realizações sociais, religiosas e turísticas¹

Flores da Cunhas's center square (RS): Stage social achievements, religious and tourist

Centro de plaza Flores da Cunha (RS): Escenario de logros sociales, religioso y turístico

<http://dx.doi.org/10.18472/cvt.17n1.2017.1114>

Pedro de Alcântara Bittencourt César <pedrotur@usp.br >

Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, Brasil.

Andreia Belusso <a.belusso@hotmail.com >

Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, Brasil.

Cassius Righez da Silva <cassiusrs@gmail.com >

Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, Brasil.

¹ Artigo elaborado com recursos do CNPq.

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebimento do artigo: 29-set-2015

Aceite: 23-jan-2017

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

CÉSAR, P. A. B.; BELUSSO, A.; SILVA, C. R da. Praça do Centro de Flores da Cunha (RS): palco de realizações sociais, religiosas e turísticas. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 123-137, abr. 2017.

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



EDIÇÃO



PATROCÍNIO



RESUMO

A Praça Central de Flores da Cunha tem diversas transformações socioespaciais resultando em territorialidades diversas. Assim, objetiva-se estudar, por meio de uma abordagem baseada nas representações simbólicas e espaciais (como procedimento metodológico), o reconhecimento das alterações e constituição entre o secular e o religioso no espaço público, bem como a formação do mito e da religiosidade que esse objeto referencia. Inicia-se o estudo reconhecendo as transformações espaciais ocorridas na praça em que se dá o evento. Realiza-se pesquisa de observação indireta. Sua análise possibilita compreender a relação: morador, rito, patrimônio e visitante. Localidade com aspectos socioculturais tradicionais, esse panorama poderia ter criado intenso conflito nas transformações das tradições observadas. Por costume da Igreja Católica, na procissão de Corpus Christi, o tapete confeccionado nos logradouros tem uma vida útil de horas. No local pesquisado, o término não se associa à passagem da comitiva religiosa, mas, sim, no tempo suficiente para que a prática da visitação turística possa ocorrer. Essa questão permite o reconhecimento do local como palco de diversas realizações sociais.

Palavras-chave: Turismo religioso. Turismo cultural. Patrimônio Cultural da Serra Gaúcha. Flores da Cunha, RS.

ABSTRACT

Flores da Cunha's central square (RS) has several spatial social transformations resulting in several territoriality. As soon, this study focuses, through an approach based in symbolic and spatial representations (as methodological procedure), the recognition of the alterations and constitution between the secular and the religion in the public space, as well the origin of the myth and of the religiosity that this object reference. The study starts recognizing the spaces transformations occurred in the square that the event happen. It's carried out the research of indirect observation. Their analysis enabled to comprise the relation: inhabitant, rite, patrimony, visitant. Locality with traditional sociocultural aspects outstanding, panorama that could have created intense conflict in the transformations of the traditions observed. For custom of Catholic Church, in Corpus Christi's procession, the carpet in the public streets has a cycle life of hours. In the local researched, the end do not associate at the passing of the religion retinue, but yes, in sufficient time so that the practice of tourist visitation may occur. This question allows the acknowledgment of local as stage of several social achievements.

Keywords: Religion tourism. Cultural tourism. Cultural heritage of Serra Gaúcha (Brazil). Flores da Cunha, RS.

RESUMEN

La plaza central de Flores da Cunha (RS) tiene varias transformaciones socio espaciales que producen una territorialidad muy diversa. Por lo tanto este estudio se centra, a través de un enfoque basado en representaciones simbólicas y espaciales (como procedimiento metodológico), en el reconocimiento de los cambios y la constitución entre lo secular y lo religioso en la esfera pública, así como la formación del mito y la religión que este objeto referencia. El estudio comienza con el reconocimiento de las transformaciones espaciales que tuvieron lugar en la plaza donde produce El fenómeno la investigación se realiza mediante observación indirecta. Su análisis permite entender la relación entre el residente, el ritual, el patrimonio y la visitantes. Ubicación de los aspectos socio-culturales tradicionales llamativos, panorama que podría haber creado un intenso conflicto en la transformación de las tradiciones. Con una función ritual vinculada con las prácticas de la Iglesia Católica, en la procesión del Corpus Christi, la alfombra hecha en suelo, tiene una vida útil de horas. El ritual no está asociado tanto con el paso de la fiesta religiosa, como el tiempo suficiente requerido para que la visita ocurra. Esta pregunta permite el reconocimiento del lugar como escenario de diversos fenómenos sociales.

Palavras chave: Turismo religioso. Turismo cultural. Patrimônio cultural de la Serra Gaucha. Flores da Cunha, RS.

Introdução

Comumente, a paisagem urbana da área central de Flores da Cunha, RS associa a cidade a hábitos tradicionais marcantes. Contribui para tal aspecto, a não observação de conflitos sociais acentuados. Moradores de todas as idades e gêneros se apropriam dessa área pública, transmitindo uma sensação de pertença. Entretanto, estudo mais detalhado pode indicar que esse bucólico centro esconde uma sociedade industrial com alto grau tecnológico nos setores moveleiro e vinícola (FAVERO; ANTUNES, 2007).

Embora a localidade tenha forte tradição agrária, nela realizam-se lógicas corporativas industriais, que ocorrem por meio de arranjos diferenciados no município. Porém, não é o foco desta pesquisa localizar as conectividades no amplo arranjo industrial e tecnológico estabelecido na sociedade industrial urbana em questão. Espera-se sim, ao refletir acerca das transformações socioterritoriais de sua praça central, compreender as mudanças de seu hábito tradicional e suas apropriações. Assim, neste artigo, apresenta-se alguma contextualização do papel do mito, do sacro e do rito (RUTHVEN, 1997) como valor fundamental da sociedade brasileira (BONATTI, 1983) e seu reflexo no local (BALLY, 1995). No momento, destaca-se a importância entre o lugar e o território como categorias de análise das apropriações urbanas (MARX, 2003).

Sabe-se que, comumente, a praça se estabelece como referência urbana (ROBBA; MACEDO, 2003). Ela é também o ponto de convergência das vias externas, sua identificação reforça valores identitários da sociedade, reconhecendo os olhares como testemunha dos diversos momentos temporais – eventuais ou não (GOMES, 2013), expondo, nas dimensões cotidianas, conquistas e desafios dos seus usuários (BECKER, 2009). Assim, torna-se fundamental o reconhecimento dos atores sociais envolvidos com suas apropriações diversas (BOURDIEU, 2003) no respectivo recorte espacial analisado, definindo lógicas de lugar, territórios, pertencimentos e apropriações. Afinal, “retornando ao conceito de território, é imperioso que saibamos despi-los do manto da imponência com o qual se encontra, via de regra, adornado” (SOUZA, 2003, p. 81). Pensa-se a territorialidade por meio de elementos listados pelo campo de força, usos e compartilhamento de seus respectivos atores sociais, com seus limites estabelecidos por diferenças diversas. Estas podem alterar-se ao longo do dia por meio de eventos distintos (SOUZA, 2003), como o observado na procissão de Corpus Christi, bem como na sua validação metodológica por meio do confronto com outros dias da semana, e finais de semana.

Questão de método

Utilizando como método o entendimento genético espacial do local (HARVEY, 2009), estuda-se a praça central de Flores da Cunha (RS) como recorte. A cidade, definida como totalidade, sobrepõe-se às apropriações das adaptações espaciais (SERRA, 2006, p. 31), qualificando-as como fator social, no sentido dado por Durkheim (1968).

A partir da praça, busca-se reconhecer valores que refletem em alguns elementos de uma totalidade socioespacial, como definido por Soja (1993). Atenta-se que o tema não se esgota nesta análise, muitas outras podem ser possíveis. Dessa maneira, inicia-se a pesquisa compreendendo alguns estatutos práticos, por olhares diversos acerca da confecção do tapete por ocasião de Corpus Christi. Confronta-se o comportamento dos frequentadores habituais com o dos visitantes. Não por uma dimensão pessoal, comumente utilizada pela psicologia social, mas reconhecendo-os como formadores de “operações

simultâneas técnicas” (SANTOS, 2004, p. 58). Desnuda-se o local, cenário de evento religioso, para entender a sua dimensão urbana, neste e em outros dias do ano.

O tapete de Corpus Christi destaca-se como atrativo de visitação turística em Flores da Cunha, pois representa um adorno religioso que enfeita as vias públicas no entorno da praça. O tapete, como é conhecido, consiste em uma decoração com flores, serragens e outros materiais para dar cor e um aspecto de manto natural com apelos catequéticos e que serve como decoração e objeto litúrgico para a passagem do cortejo. Comumente, sua duração encerra com a procissão, onde os tapetes decorados são pisoteados por centenas ou milhares de pessoas que acompanham o cortejo. No entanto, na cidade em que foi realizada a pesquisa, “os tapetes”, como são conhecidos, permanecem após o cortejo e ficam expostos até a tarde do domingo. É importante ressaltar que é incomum ver as pessoas pisando no “tapete” e, normalmente, a população em geral o respeita como uma obra sacra e intocável, por isso, até o último momento, as únicas pegadas no tapete são as do Bispo. Questiona-se com isso, o motivo e a existência de consequências conflitantes na cidade de Flores da Cunha, RS, com uma tradição alterada, onde a praça e logradouros limítrofes se mantêm decorados após a procissão religiosa. A peculiaridade da mudança de tradição do pisotear instiga a realização desta pesquisa, definindo esse evento como ato inicial da observação realizada.

Estuda-se a alteração de uma tradição católica, ao mesmo tempo que busca-se compreender as suas características. Parte-se então da seguinte questão norteadora: a alteração do hábito está associada à presença do visitante tornando-o um dos principais atores na composição social do espaço sagrado constituído?

A pesquisa enfatiza que, embora na configuração urbana a praça brasileira não tenha o destaque dado como em outros países, é por meio dela que acentua-se o valor social e de identidade marcante (MARX, 1988). Essa situação justifica a sua relação como objeto de estudo. Outra questão recai no reconhecimento do papel atribuído ao sagrado, ritualizado no festejo de Corpus Christi, principalmente no entorno da praça (MARX, M. 2003). Destaca-se também a compreensão socioespacial existente entre o local e a cidade, que dirige a atenção ao estudo contextual diante do rito e da apropriação social cotidiana e religiosa (ROZENDAHL, 1999), bem como a turística (RODRIGUES, 1999).

Inicia-se a pesquisa realizando levantamento de fontes secundárias, fundamentalmente bibliográficas, acerca da problemática. Finalmente, realiza-se pesquisa de campo. Nesta etapa, observa-se o local, reconhecendo diversos atores sociais agregados nessa relação. Levantam-se as maneiras com que os sujeitos - moradores, como habituais frequentadores; os religiosos nos atos religiosos na igreja; além de todos aqueles em contato com o tapete na procissão - relacionam-se com o objeto pesquisado.

Trabalha-se a categoria território e territorialidade (BALLY, 1995; STEIN, 2003) como apropriações espaciais. Assim, norteia-se a pesquisa com a identificação de grupos que se apropriam do espaço, e sua relação com o ambiente urbano, a instituição religiosa, o entorno da praça e a decoração público-religiosa dos tapetes. Adota-se uma visão baseada em Bourdieu (2003) como suporte metodológico para a identificação dos sujeitos. Sabe-se do vasto cabedal de oportunidades de pesquisa, com diversos questionamentos possíveis. Entretanto, a observação foca-se em “uma questão específica e a totalidade onde encontra a questão observada” (CHIZZOTTI, 2005). Reporta-se assim ao ambiente do entorno e interior da praça central de Flores da Cunha (RS): local do percurso da procissão de Corpus Christi onde o tapete da procissão torna-se objeto referencial da celebração religiosa e atrativo de visitação turística, merecendo uma reflexão primeira, ao mesmo tempo em que é reconhecida como formadora de referenciais identitários.

A pesquisa desenvolve-se em um local específico, como espaço do cotidiano dos moradores da cidade. Sua realização, em envolvimento diversos, configura como referência teórica e prática em uma perspectiva indutiva de construção exploratória. Acredita-se que o local torna-se suporte a eventos religiosos. Porém, em momentos específicos, constitui recurso para novas realizações. Nesse contexto, identificam-se as relações dos diversos atores com o objeto observado. O procedimento metodológico da pesquisa funda-se em duas ações práticas de campo. Desse modo, elaboram-se entrevistas livres e observação indireta no local. Nelas, obtêm-se respostas às questões norteadoras existentes no decorrer dos questionamentos hipotéticos emergentes. Os questionamentos levantados foram sendo respondidos, abordando moradores e frequentadores habituais da praça, fiéis católicos, religiosos, visitantes (turistas e excursionistas) e profissionais de apoio (de imprensa e segurança pública), além de usuários diversos. A pesquisa foi sendo construída em campo, ao atender demandas emergentes. Conforme as realidades encontradas, definiram-se novas direções, como proposto por Feyrabend (1977). Dessa maneira, não foi feito nenhum roteiro prévio, e os entrevistados somente foram questionados acerca das questões necessárias para a compreensão das dúvidas recorrentes.

Realiza-se pesquisa por indução de fatos e fenômenos marcantes. A principal indagação figura na procissão anual de uma dada quinta-feira (data de Corpus Christi), e de que maneira esta dá suporte para a sua extensão até domingo, quando termina a visitação ao tapete confeccionado nas ruas do entorno da praça. Sempre se teve em mente o pressuposto de que o valor dessa tradição, em outros lugares, é destruída no instante do evento. Com isso, indaga-se o papel do turismo no presente evento.

O mito e o rito: a formação mística da procissão

Na Igreja Católica uma das importantes celebrações é o rito de Corpus Christi, realizado em data móvel. Assim, em uma quinta-feira de cada ano, enfeitam-se as ruas a fim de possibilitar a passagem da hóstia consagrada, em um rico ostensório carregado pela maior autoridade da Igreja Católica Romana presente. Cercado por uma guarda de quatro pessoas, normalmente da Irmandade do Santíssimo, inicia-se a procissão.

Segundo Bonatti, “o rito é uma necessidade de todo homem e é encontrado em todas as culturas. Faz parte da vida e ocasião de fazer uma oferta ou de ter um contato especial com alguém especial” (BONATTI, 1983, p. 65). Nessa situação, interpreta-se a própria vida por meio de representações de hábitos e costumes, além de criar uma relação íntima e pessoal entre o objeto e o sujeito. Assim, tem-se, por exemplo, os ritos do catolicismo, que foram, durante séculos, moldados pelas culturas peculiares de cada povo que os absorvia, mantendo, porém, em todos os lugares uma mesma linguagem (RUTHVEN, 1997, p. 19). Outra forma de reflexão mítica associa-se a outras culturas imateriais, como as festas populares. Estas, são “rituais e, assim, consistem em momentos especiais de convivência social em que certos aspectos da realidade” são interpretados (MAIA, 1999, p. 192), unindo as funções de cerimonial e festividade, com práticas e expectativas cotidianas.

A manifestação das festas populares está associada a um ritual que impõe: uma ordem de poderes que sente como incontornáveis, procura transcender a coerção ou a frustração de estruturas limitativas através de sua reorganização cerimonial, imagina outras práticas sociais, que às vezes chega a pôr em prática no tempo permissivo da celebração. (CANCLINI, 1983, p. 55).

Entre o arcabouço de ritos e a tradição do catolicismo, destaca-se a data da procissão de Corpus Christi. Nessa ocasião, realiza-se uma procissão oficializada, desde 1264, pela Igreja, e que iniciou no papado de

Papa Urbano IV (KASSAB, 2010, p. 190). A procissão, sempre envolta em um aspecto alegórico, e de encenação pelas vias públicas, torna marcantes o enfeite e a preparação das ruas para a passagem do cortejo. Desde o início da procissão de Corpus Christi, com sua origem na Idade Média, o momento de maior destaque é o de louvor e exteriorização, pessoal e institucional, da fé. Entretanto, há séculos associa-se e expõe-se as condições socioculturais de seus frequentadores (CARDONA, 2008, p. 135), com seus objetos diversos de adorno, como os das ordens religiosas entre outros adereços e símbolos de referências sociais.

Aspectos culturais da localidade

Diferentemente da imigração alemã, que povoou anteriormente o sul do Brasil, os imigrantes italianos vieram para o país com uma segurança jurídica e fundiária. Assim, a Lei da Terra definia a relação da propriedade como bem imobiliário (NASCIMENTO, 2009, p. 57-62). Situação que por ônus exigia o pagamento financeiro, mesmo que realizado por trocas de serviços, como muito ocorre na região.

Entre as localidades estabelece-se Flores da Cunha, RS, que, primitivamente, denominava-se Nova Trento. Localizada na Serra Gaúcha, a uma distância de 150 km da capital Porto Alegre, e a 710 m de altitude acima do nível do mar, o município destaca-se como o maior produtor de vinhos do Brasil e segundo polo moveleiro do estado, que confronta com sua condição sociocultural marcada por aspectos bucólicos. Nesse panorama, o culto às tradições herdadas dos imigrantes italianos, fundamentadas na língua, na gastronomia, na música, na religiosidade, nos usos e costumes, apresenta forte apelo (BRAMBATTI, 2005).

No processo de fixação do imigrante italiano, a religião Católica Romana representava vários elos. Por meio dela, “nas colônias do Rio Grande do Sul, frequentemente isoladas, os padres puderam desenvolver seu poder sem grandes obstáculos”. (POSSAMAI, 1999, p. 80). Assim, se o lado institucional do sagrado conduz a religião com Deus, a outra dimensão, desde o início, até os dias de hoje, aproxima de uma Igreja de Roma. Por meio dela cultua e “(...) liga o amor à Itália à manutenção da religião católica” (POSSAMAI, 1999, p. 80 – adaptado), cultivando hábitos, e outras referências como extensão ultramar da península itálica. A igreja local teve também forte influência francesa, propagada pela Ordem dos Capuchinhos. Dessa maneira, “a Igreja Matriz de Flores da Cunha foi projetada na França a pedido dos frades e, mesmo que o estilo neogótico não fosse do agrado da maioria dos italianos, os capuchinhos souberam convencê-los a mudar de ideia” (POSSAMAI, 1999, p. 80). Mas no cotidiano, mesmo essa Ordem propagava a italianidade, e hoje não há referência francesa que seja expressa no cotidiano religioso flores-cunhense. O legado fica nos traços deixados pela arquitetura.

Existe um errôneo conceito de que “o turista, ao contrário do habitante, não se apropria do espaço, ele simplesmente passa por ele” (JAQUES, 2005, p. 18). Sabe-se que esse visitante não cria relações de cotidiano, como definido classicamente pela Sociologia, ou de apropriação da identidade, como proposto pela Geografia Cultural, entretanto, suas relações com o espaço definem novas lógicas de apropriação, resultando em novas territorialidades (SOUZA, 2013) e em processos de espetacularização (GONZALES VIANA, 2006). Situação que resulta inclusive na produção de novas formas urbanas, nessa relação dialética entre apropriação e hospitalidade (CÉSAR, 2010).

Nesse panorama, posicionam-se hierarquias urbanas definindo parâmetros na definição da localidade como atributos de regional a mundial (SASSEN, 2010). Nesse processo, a cidade ou parte do seu território,

se envolve em uma transformação aceita, não mais como espaço, mas como parte de um grande cenário. O cidadão torna-se uma figura inanimada – o figurante. A chave do seu processo de envolvimento está no reconhecimento do novo papel. Condição que pode resultar em participação efetiva sem a restrição de uso, nos locais. O uso cultural socializa os objetos presentes, por meio de suas experiências sensoriais, individuais e coletivas. Assim, “a cidade não só deixaria de ser cenário e passaria a ser palco, mas, mais do que isso, ela passaria a ser um corpo, um outro corpo” (JAQUES, 2005, p. 20). Nessa condição pensa-se e estuda-se a localidade em questão.

Em Flores da Cunha, a cada ano, tem se tornado mais forte a condição de localidade turística. A localidade conta com significativo parque industrial, destacando os setores moveleiro e vitivinícola. Criam-se condições para o turismo voltado para os valores culturais da imigração italiana associado aos setores produtivos.

A praça: o recorte urbano de uma cidade

A praça converge à população local, do ócio ao negócio, do ato do debate político ao religioso, do afeto ao desafeto e protesto. Ela é por excelência, plural. Nela:

[...], juntamente com a rua, consiste em um dos dois mais importantes espaços públicos da história da cidade no país, tendo desde os primórdios tempos da Colônia, desempenhado um papel fundamental no contexto das relações sociais em desenvolvimento (ROBBA, MACEDO, 2003, p. 11).

A partir do século XIX, as praças brasileiras adquirem elementos formadores, o ajardinamento, tornando “ícone social do espaço urbano” (ROBBA, MACEDO, 2003, p. 11). Praças e cidade são elementos constituintes. Recorte e totalidade respectivamente. O primeiro representa estatuto de uma formação urbana, como parte de seus arranjos espaciais. Ela está inserida no contexto urbano próprio e definido da cidade.

Entretanto, na ampla pesquisa de Robba e Macedo (2003) acerca delas, não se reconhece as praças das cidades planejadas do período imperial, como em outras localidades da Serra Gaúcha. Certo que estas foram exceções ao arcabouço das formações de povoamento no país. Lógica que se aproxima das considerações dadas ao modelo espanhol, com as cidades em planos, com quarteirões retilíneos, em sua planta de criação das futuras cidades, embora de raízes político-institucionais diferenciadas. Em comum, nas Américas portuguesa e espanhola, a presença de um templo religioso católico dá destaque à praça, caracterizando-a. Como afirma Robba e Macedo, ao destacar que “o espaço deixado em frente aos templos é justamente o espaço de formação da praça” (2003, p. 19). Lugar dado como privilegiado, que resulta na atração de outras edificações de importância social entre instituições públicas e residências de classe abastada.

Normalmente, as praças centrais da cidade são microcosmos da vida urbana (WEBB, 1990). Local onde realizam-se respostas cerimoniais políticas, religiosas e civis. A relação de poder, de ordem, teve por toda a história do urbanismo esse equipamento como referência de equilíbrio e rompimento social. Assim, na observação de fotografias e relatos, nota-se que a praça central de Flores da Cunha é um local privilegiado de manifestações cívicas e religiosas (MOLON, 2002). Suas configurações urbanas e sociais ocorrem como uma resultante da igreja, do seminário e da casa paroquial. Estas, inicialmente da irmandade dos capuchinhos franceses, tornam-se posteriormente de administração diocesana. Situação que reflete inclusive nas formas urbano-arquitetônicas encontradas. Entretanto, o traçado paisagístico

dessa área urbana reforça uma condição cívica, situação tão comum na *Belle Époque*, mesmo tendo sua planta em forma de um cálice. São relações contraditórias que enriquecem as representações espaciais e simbólicas do local.

A construção da igreja de Nossa Senhora de Lourdes iniciou em 1905, sendo inaugurada em 1913. A ornamentação interna ocorreu em 1916. Em 1949 foi adicionado um campanário destacado do corpo da igreja, após três anos de construção (BULLA, et al. 2006, p. 81). A praça principal é iniciada em 1933. Posteriormente, instala-se coreto e implanta-se o paisagismo, destacando uma forma de cálice na planta voltada para a igreja (BULLA, et al. 2006, p. 79). Hoje, denomina-se “Praça da Bandeira”, e tem em seu programa, sanitários públicos e um parque infantil. No seu interior, defronte à igreja, uma área interna, livre e aberta fica à espera dos eventos montados nos dias de festas religiosas, como o de Corpus Christi.

Sabe-se que “As cidades que ficaram à margem da modernização, no entanto, conservaram o seu ambiente provinciano [...]. As ruas, as praças conservaram a sua paz, a arquitetura, a sua modalidade tradicional, a sua vivência, as suas normas e as suas regras de costumes” (ROMETO, 2004, p. 292). Essa afirmação não deve ser encarada como uma relação pragmática, ao exposto. Na localidade analisada, por diversas vezes, observam-se relações de contradição entre o moderno e o provinciano, entre a reprodução do capital e sua frequência mais lenta. Lógicas das contradições do próprio modo capitalista.

Atualmente, na produção do espaço econômico de Flores da Cunha define-se um eixo viário definidor e concentrador localizacional das empresas e instituições (MENEGAT, CHINATO, CURRA, 2004, p. 65). Este tem início na cidade pelo principal acesso rodoviário (RS-122), e caracteriza-se como uma grande avenida, definindo o eixo de comércio e serviços da cidade. A avenida vem a ser o logradouro de divisão das áreas entre a igreja e a praça. O sul da avenida define o eixo secundário da cidade, sendo que esta desdobra-se como estrada para o principal distrito urbano, distante da área urbana da cidade (Distrito de Otávio Rocha), como na Figura 1. Desse lado, na praça, tem-se uma distribuição de prédios institucionais, religiosos e alguns de serviço que transformam o perfil dos frequentadores nos dias úteis. Predomina nos quadrantes leste e sul frequentadores de mais baixo poder econômico sendo, muitos destes, produtores e moradores rurais do município.

No outro quadrante predomina o comércio dos mais variados e o principal ponto de táxi do município. Embora o perfil de toda a praça seja de pessoas mais simples, desse lado notam-se usuários de classes emergentes. Por toda a área pública observa-se a presença de aposentados do gênero masculino sentados nos bancos, e do feminino como transeunte em horários pontuais. Aspecto este bem marcante. Entretanto, a territorialidade, no sentido strictu sensu de domínio do espaço, foi notada somente em áreas pontuais como o ponto de táxi, com seus quatro taxistas; alguns amigos e usuários, além de área central sentido leste com um lugar específico e demarcado por jovens adolescentes de ambos os gêneros que, embora pouco, definem um pequeno local desta área verde (*belvédère*) para conversar, comer e beber (refrigerantes).

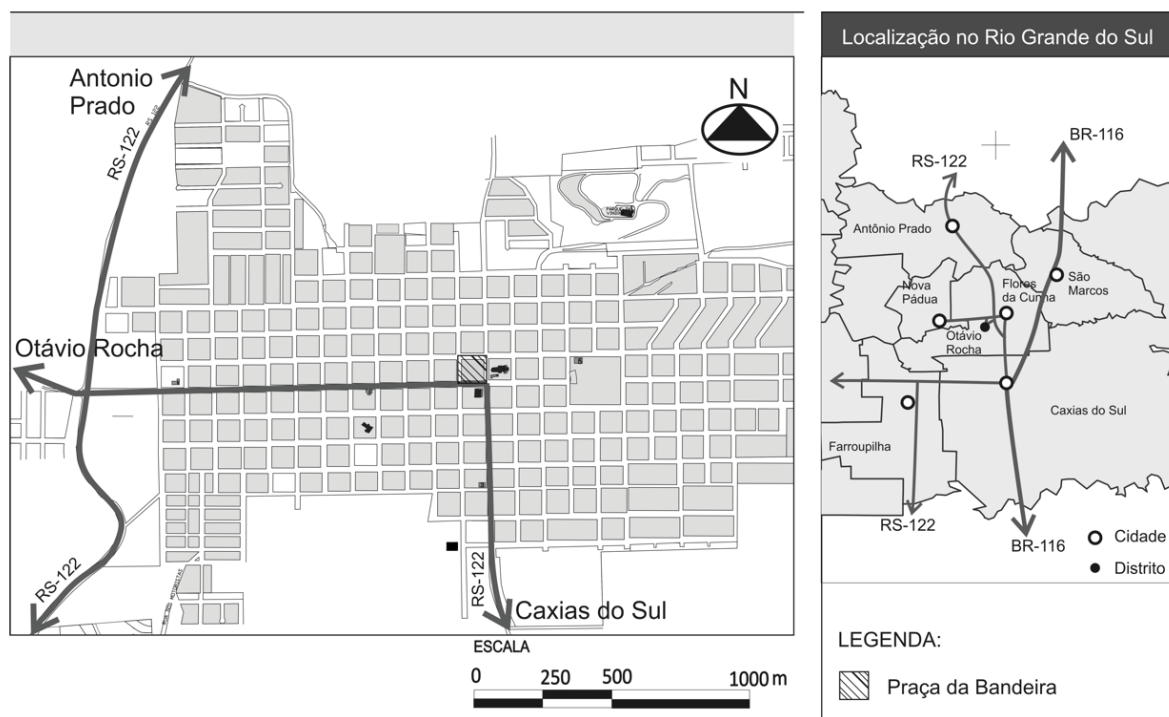


Figura 1 – Localização da Praça com relação aos eixos rodoviários estruturantes

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

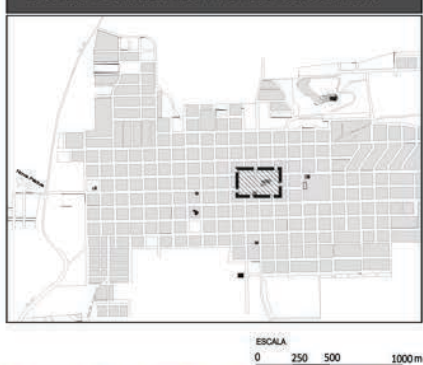
No final de semana nota-se que o local recebe grupos mais emergentes economicamente, embora raramente utilizada por grupos hegemônicos, que preferem utilizar outros ambientes públicos da cidade, além de outro templo religioso católico, o templo das Carmelitas. Nos momentos de missa, além daquele que antecede e sucede o ritual, nota-se uma forte territorialidade em função da apropriação por automóveis de um estacionamento lateral da igreja, além do uso de ruas da lateralidade sul (Figura 2).

De modo geral, a praça não tem apropriações marcantes de grupos, de uma forma ostensiva. Não há disputas por territórios, com exceção da ocupação no dia de evento religioso, quando a praça é plenamente ocupada pela Igreja Católica. A princípio, os moradores locais referem-se à praça como um equipamento de apoio dos habitantes rurais do município. Mesmo do lado do comércio, voltado para o cidadão, as edificações residenciais que ocorrem nos andares superiores direcionam-se a uma classe média, no entanto, os integrantes desta pouco se apropriam da área pública.

Dias Cívicos, festivos e apropriações urbana do entorno



Zona Central de Flores da Cunha



Apropriações no cotidiano - período comercial



Apropriação de Corpus Christi

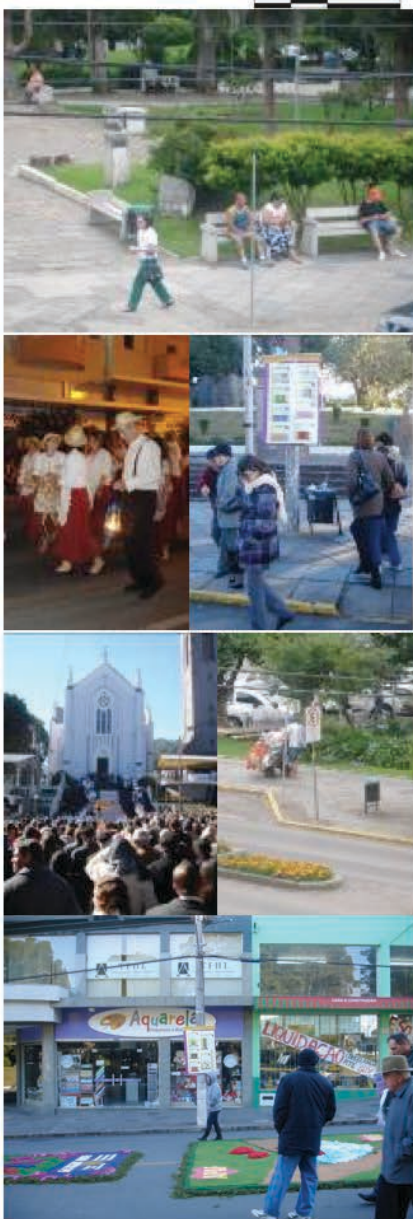
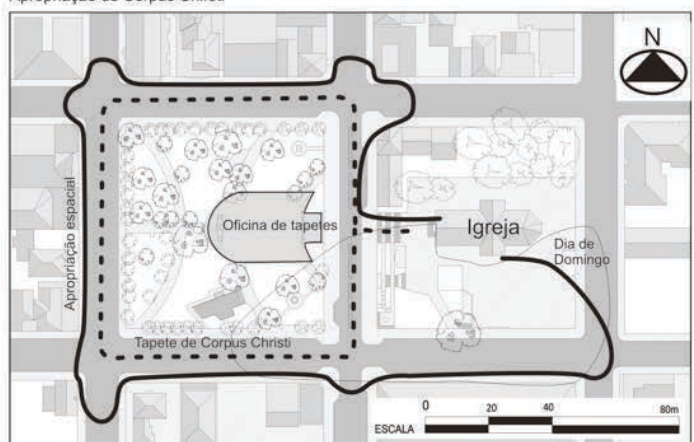


Figura 2 – Diferentes apropriações da Praça da Bandeira – Flores da Cunha (RS)

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

A procissão – entre o mito, o patrimônio e o turismo

Patrimônio, etimologicamente, origina-se do latim “*patrimonium*” e remete ao bem de nossos ancestrais. Atualmente, a ideia de bem cultural está associada a identidades, seja individual ou coletiva. Na sua constituição distingue-se como elemento cultural socialmente formulado, bem como representação de algo.

A sociedade contemporânea atribui inúmeras conformidades ao patrimônio. Nessa condição, afirma Varine-Bohan acerca da sua formulação e dos agentes envolvidos que “[...] tornam sagrado o bem, somente quando lhes interessa” (VARINE-BOHAN, 1974, p. 10). Sabe-se inclusive que sua confirmação possibilita torná-lo recurso para o desenvolvimento do turismo, especificamente turismo religioso, ao redor do mundo. Dele: “A metamorfose do seu valor de utilização em valor econômico é realizada graças à ‘engenharia cultural’, vasta empresa pública e privada, ao serviço da qual trabalha uma multidão de animadores, comunicadores, agentes de desenvolvimento, engenheiros, mediadores culturais” (CHOAY, 2000, p. 185).

Uma localidade, ao estimular o desejo de visitação em um sujeito, assume papéis míticos. O elemento turístico   construído na mente do viajante como símbolos e “fantasias” que sacralizam; assim, ocorre um dualismo entre o espaço mítico e o profano onde reelaboram-se funções, diversificam-se ou anulam-se usos no espaço envolvido. Pode-se falar inclusive na inven  o de tradi  es como “[...] um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repeti  o, o que implica, automaticamente: uma continuidade em rela  o ao passado” (HOBBSAWM, 1984, p. 9). O turismo pode ser um fomentador das tradi  es, incentivando costumes, trajes t  picos, a gastronomia, as danças folclóricas, etc., pois:

A sociedade moderna está, igualmente, ressuscitando ou inventando tradi  o sob a forma de espetáculo, pois o lugar turístico vive e cobra muito o “t  pico”. (...) Vários autores apresentam longas listas de tradi  es inventadas, deliberadamente, hoje tidas como legítimas. As organiza  es, direta ou indiretamente ligadas ao mercado, criam as suas em fun  o do lucro que representam. A   o turista d   vazão   nostalgia e ao seu tipo de comprometimento com a história (YÁZIGI, 2001, p. 271).

Sabe-se que todas as manifesta  es são frutos da a  o de alguém sobre uma realiza  o, ou seja, de um ato de cria  o, ou inven  o. O aspecto cultural está na escolha de ter e desenvolver na sociedade algo que por princípio o associa. As práticas e os objetos tornam-se seus pertencimentos, podendo, em um segundo momento, fazer outras representa  es como patrimônio, e como valores míticos. Dessa forma, uma localidade pode ser detentora de um monumento, uma obra de arte, e apresentar valores que transpõem a sua funcionalidade, devido a sua representatividade mítica.

O tapete da celebra  o de Corpus Christi de Flores da Cunha representa uma referência identitária do local. Sua confec  o, a procissão e as apropria  es sociais e culturais envolvem milhares de pessoas, entre devotos, visitantes, além de uma estrutura de serviços urbanos e da cobertura de comunica  o de massa. Sua sacraliza  o e patrimonializa  o desafiam as lógicas tradicionais, ao referir o papel final atribuído (STEIN, 2003). O evento, tradicionalmente, divide-se em etapas: elabora  o do tapete com a sua aprecia  o e missa com a procissão sobre o tapete, que imediatamente   desmanchado após ser pisoteado (MACHADO, 2008). Entretanto, em Flores da Cunha a aprecia  o sobrepõe-se ao momento da procissão. Essa lógica justifica a extensão da festa ao acomodar o anseio de mais dias para a visita  o. Cria-se, assim, toda uma nova elabora  o do rito ao restringir o uso do tapete a todos os fieis, na procissão e até mesmo ao Sacr  rio. Afinal, preserva-se o uso para não o descaracterizá-lo.

No trabalho de campo foram identificados que a origem deste evento, a procissão, não remonta à fase de assentamento colonial dessa localidade. Sua origem ocorre no ano de 1964, por sugestão das irmãs capuchinhas de Flores da Cunha, iniciando a tradição de adornar a rua por ocasião de Corpus Christi (LUNARDI, 1999, p. 85). Entretanto, nessa localidade da Serra Gaúcha sempre houve a preocupação em manter o tapete por mais alguns dias para a apreciação. Assim, seus valores transcendem sua necessidade de adorno. Se a destruição não inicia com o pisotear do bispo católico, os outros também não o fazem. Os tapetes adquirem uma nova dimensão: a de visitação. Embora não há sentimento de demérito na divisão do tapete entre o sagrado e o turístico, em tempos remotos essa situação poderia ser considerada blasfêmia. O importante no ato é a ação da autoridade máxima da diocese presente (o Bispo). A delicadeza do momento faz com que a autoridade procure o melhor caminho no tapete a fim de evitar danos às estamparias, o que reflete o intuito turístico presente. Nota-se, no decorrer da procissão, que pelas ruas pesquisadas, somente o Bispo pisoteia o tapete e, mesmo assim, com cuidado para não alterar os desenhos. O cortejo religioso passa rente, no limite externo e a população pelos canteiros das ruas e da praça. Essa atitude inclusive contrasta com outras procissões que ocorrem em muitos outros lugares, e mesmo na Serra Gaúcha. A procissão tem toda uma mudança na ordem de horizontalidade, fazendo uma releitura dessas lógicas, sem desafiar as relações verticais.

Foram identificados entre milhares de frequentadores alguns grupos específicos. Dezenas de religiosos e de grupos de apoio à instituição religiosa e a estrutura de serviço misturam-se a milhares de moradores locais e de arrabaldes, centenas de turistas e praticantes de grupos de fotografia (estes dos arredores). Suas roupas e adereços, com seus gestos os caracterizam. “A lógica de relação simbólica impõe-se aos sujeitos como um sistema de regra absolutamente necessário em sua ordem” (BOURDIEU, 2003, p. 25). Embora nesse caso desta pesquisa associam-se as representações do representado; a construção social sobre o sacro, e suas características peculiares, com um mito e sua ritualização atendendo a interesses espirituais entre outros subjetivos. Sua dimensão religiosa representa um papel importante de ordem hierárquica para todos os envolvidos, mesmo para o policial e o repórter que não necessariamente são católicos.

A rua torna-se espaço do catolicismo romano e da visitação. A confecção do tapete no entorno da praça, defronte à Igreja Matriz de Flores da Cunha, reproduz diversas dinâmicas espaciais nas ruas que a circundam. Elaborar-se um território mítico, católico, de visitação, paroquial, além de ser um pleno lugar para o convívio dos moradores que ali recebem visitantes, conhecidos ou não. A sobreposição de interesses não cria conflito. Todas essas demandas de apropriação se engendram nesse espaço democrático da localidade. A ausência de muitos interesses concorrentes acentua essa situação.

Considerações finais

Após reconhecer as transformações espaciais ocorridas na praça em que ocorre o evento, nota-se que por costume da Igreja, durante e depois da procissão de Corpus Christi, o tapete confeccionado nos logradouros na sexta-feira (Santa) somente é destruído na tarde do domingo possibilitando a visitação turística deste. Por meio das observações pesquisou-se a relação morador, rito, patrimônio e visitante, bem como a transformação da procissão em atrativo, desmistificando a destruição do tapete no momento da passagem da eucaristia consagrada, que não é questionada pelos moradores.

Provavelmente, a pouca distância cultural entre os diversos atores possibilita a diminuição de conflitos. A transformação da procissão em atrativo, desmistificando a destruição do tapete no momento da passagem da eucaristia consagrada não é questionada pelos moradores. De fato, essa nova ordem sempre marcou o evento religioso. Assim, a visitação referencia o pós-evento como a extensão do momento religioso, embora não se apresente explícita a formação do rito voltado para a visitação turística. A população, voltada às relações hierárquicas com a espiritualidade institucional, reelabora suas convicções sem questionar essas alterações. Essa situação pode ser tanto uma visão de vanguarda como de obediência, mas, de fato, torna-se a localidade contemporânea, nesse aspecto, e com uma lógica de envolvimento comunitário bem elaborado.

Talvez pela efemeridade e fragilidade estética do tapete – artefato simbólico complexo – possa se estabelecer um pacto de cuidado entre cristãos, comunidade e visitantes para sua preservação e fruição, enquanto objeto mediador de uma experiência mobilizadora de sentidos de pertencimento e encontro no espaço social.

Espera-se que tal situação seja objeto de reflexão de planejadores e teóricos diversos. A elaboração de uma tradição com o envolvimento da comunidade é sempre de uma grande complexidade. Embora pode ter um aspecto de acaso. Nesta pesquisa, possibilita-se abrir novas indagações acerca das relações e limites entre o patrimônio, a religião e a visitação turística.

Nota: Parte inicial desta pesquisa foi publicada no VII Semintur, em Caxias do Sul (2012).

Referências

- BECKER, H. S. **Falando em sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BONATTI, M. **Liturgia, comunicação e cultura**. São Paulo: Salesiana, 1983.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BRAMBATTI, L. E. **Racionalização, cultura e turismo em meio rural na Serra Gaúcha**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre: 2005.
- BULLA, A. et al. O núcleo colonial italiano no Rio Grande do Sul. In: VAILATI, G. L.; MAZZAROTTO, G. (Org.). **Nossa História: de Nova Trento a Flores da Cunha**. Porto Alegre: Evangraf, 2006, p. 49-104.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CÉSAR, P. A. B. Urbanização turística: esboço para a definição de uma categoria do espaço social. **Turismo em análise**, v. 21, n. 2, ago. 2010.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. 6. ed., Editora Nacional, São Paulo: 1968.
- FAVERO, I. R.; ANTUNES, J. R. Ecoturismo em la region de la uva y del vino. **Estudios y perspectiva en turismo**, v. 16, n. 2, abr./jun. 2007.

- FEYRABEND, P. **Contra o método**: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro: 1977.
- GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.
- GONZALES VIANA, M. del C. **Turismo y Ciudad**: nuevas tendencias. Ediciones turística. Buenos Aires, 2006.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- JAQUES, P. B. E. Urbanas: a arte de andar pela cidade. In: **Arqtexto**, n. 7, 2005, p. 16-25.
- KASSAB, Y. As estratégias lúdicas nas ações jesuíticas, nas terras brasílicas (1549-1597). Tese (Doutorado). – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo: 2010.
- LUNARDI, L. **História e memória de Flores da Cunha**: para conhecer, amar, rir, chorar. Porto Alegre: Evangraf, 1999.
- MACHADO, P. C. Procissões sacras: arte e equipamentos no universo das confrarias. In: **Revista da Faculdade de Letras**: ciências e técnicas do patrimônio. Porto (Portugal): 2008 (2008-9), série 1, v. VII-VIII, p. 127-149.
- MAIA, C. E. S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares sobre festas brasileiras. In: ROSENTHAL, Z.; CORREA, R. L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- MARX, M. **Nosso chão do sagrado ao profano**. São Paulo: Edusp, 2003.
- MENEGAT, J. C.; CHINATO, L. D.; CURRA, M. E. D. **Casas de negócios**: o comércio de Nova Trento. Flores da Cunha: Evangraf, 2004.
- MOLON, F. **Carreteiros de Flores da Cunha e região**. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal de Flores da Cunha, 2002.
- NASCIMENTO, R. R. F. di. **A formação urbana de Caxias do Sul**. Caxias do Sul (RS). EdUCS, 2009.
- POSSAMAI, P. C. Igreja e italianidade: Rio Grande do Sul (1875-1945). In: **Revista de História**. São Paulo: FFLCH, USP, v.141, p.75-90, 1999.
- ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**: Public squares in Brazil. São Paulo: Edusp; IOESP, 2003.
- RUTHVEN, K. K. **O mito**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- SASSEN, S. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- SERRA, G. **Pesquisa em arquitetura e urbanismo**: guia prático para o trabalho de pesquisa em pós-graduação. São Paulo: Edusp; Mandarin, 2006.
- SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro, Zohar, 1993.
- SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder: autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. 6. ed. Rio de Janeiro, Bertrand, 2003, p. 77-116.
- _____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespaciais**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013.

STEIN, V. **La reconquête du centre-ville**: du patrimoine a l'espace public. Tese (Doutorado). Genebra: Universidade de Genebra, 2003.

WEBB, M. **The city square**: a historical evolution. Nova Iorque: Whitney, 1990.

VARINE-BOHAN, H. Patrimônio cultural: a experiência internacional. In: **Notas da aula**. FAU / USP, São Paulo, 12, ago. 1974.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2001.